

Dossiê: Visões da História Chinesa

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.32716>

Entre agulhas e mãos: a “medicina chinesa” no Brasil da década de 1970

Between Needles and Hands: “Chinese Medicine” in Brazil in the 1970s

Entre agujas y manos: la “medicina china” en el Brasil en los años 70

Renata Palandri Sigolo*

<https://orcid.org/0000-0003-0007-7561>

Luis Fernando Bernardi Junqueira**

<https://orcid.org/0000-0002-9085-8689>

RESUMO: Este artigo busca compreender as formas pelas quais a medicina chinesa foi retratada na imprensa brasileira no contexto transnacional da contracultura na década de 1970, procurando analisar quais representações sociais foram construídas e disseminadas sobre essa lógica médica, seus principais conceitos e suas noções de saúde, doença e cura. Focando em manuais, artigos e anúncios sobre acupuntura e massagens daoyin voltados ao grande público, pretendemos analisar o papel de outros atores importantes na formação da medicina chinesa no contexto brasileiro que ultrapassavam o círculo formado pela comunidade biomédica. Desta maneira, selecionamos obras publicadas sobre o assunto que tiveram igualmente repercussão na imprensa analisada, sendo escolhidos dois jornais de grande circulação no país: o Jornal do Brasil e o Diário de Pernambuco. Dentre as diferentes representações construídas, as noções de saúde, doença e cura ligadas às ideias de tradição e modernidade se destacam por trazerem em si um paradoxo importante presente na definição da medicina chinesa no Brasil.

Palavras-chave: Medicina chinesa. Medicina alternativa. Acupuntura. Daoyin. Contracultura.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e atualmente é professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É especialista em história da saúde, história e contracultura, e medicinas alternativas, e suas principais publicações incluem “A Saúde em Frascos” (1998), “Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX” (2012) e “Plantas medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias” (2015). E-mail: rpalandris@gmail.com ou r.palandri@ufsc.br.

** Mestre em História da China pela Fudan University (Shanghai) e atualmente é doutorando em História pela University College London e Wellcome Trust. Possui interesse nas áreas de história da saúde na China, religião chinesa, esoterismo, e história global da ciência e tecnologia. Suas principais publicações incluem “Popular Healing in Printed Medical Books” (2018), “Numinous Herbs: Stars, Spirits and Medicinal Plants in Late Imperial China” (2021) e “Revealing Secrets: Talismans, Print Culture and the Market of the Occult in Early Twentieth-Century China” (2021). E-mail: youle.junqueira@gmail.com ou luis.junqueira.19@ucl.ac.uk.

ABSTRACT: This article aims to understand the ways in which Chinese medicine was portrayed in the Brazilian press during the transnational context of counterculture in the 1970s. It seeks to analyse the social representations built around Chinese medicine, the dissemination of this medical rationale, main concepts, as well as its notions of healthcare, illness and healing. Focusing on manuals, newspaper articles and advertisements about acupuncture and daoyin aimed at the general public, we will look at the role multiple actors, beyond the biomedical community, played in the formation of Chinese medicine in Brazil. We selected printed manuals that also reverberated in the general press, especially in two wide-circulation newspapers, the *Jornal do Brasil* and *Diário de Pernambuco*. The several notions of health, illness and healing linked to ideas of tradition and modernity stand out as an essential paradox in the definition of Chinese medicine in Brazil.

Keywords: Chinese medicine. Alternative medicine. Acupuncture. Daoyin. Counterculture.

RESUMEN: Este artículo busca entender las formas en que la medicina china fue retratada en la prensa brasileña en el contexto transnacional de la contracultura de los años 70, tratando de analizar qué representaciones sociales se construyeron y difundieron sobre esta lógica médica, sus principales conceptos y sus nociones de salud, enfermedad y cura. Centrándonos en manuales, artículos y anuncios sobre acupuntura y masajes daoyin dirigidos al público en general, pretendemos analizar el papel de otros actores importantes en la formación de la medicina china en el contexto brasileño que fue más allá del círculo formado por la comunidad biomédica. De esta manera, seleccionamos trabajos publicados sobre el tema que también tuvieron repercusión en la prensa analizada, siendo elegidos dos de los periódicos de mayor circulación en el país: *Jornal do Brasil* y *Diário de Pernambuco*. Entre las diferentes representaciones construidas, destacan las nociones de salud, enfermedad y curación vinculadas a las ideas de tradición y modernidad, porque aportan en sí mismas una importante paradoja presente en la definición de la medicina china en el Brasil.

Palabras clave: Medicina china. Medicina alternativa. Acupuntura. Daoyin. Contracultura.

Como citar este artigo:

Sigolo, Renata Palandri; Junqueira, Luis Fernando Bernardi. “Entre agulhas e mãos: a ‘medicina chinesa’ no Brasil da década de 1970”. *Locus: Revista de História*, 27, n.1 (2021): 122-151.

A medicina chinesa no Brasil: primeiros contatos

Nas capitais, entretanto, somente de uns anos para cá voltou-se a falar das ervas, com a introdução no mundo ocidental, da dieta macrobiótica, da ioga e da acupuntura. A penetração da cultura oriental no mundo ocidental não está sendo difícil. Os modernos meios de comunicação, principalmente a

televisão, jornais e revistas estão dando conta do recado, explorando a preocupação do homem moderno com o físico.¹

As páginas de vários jornais brasileiros da década de 1970 estampavam notícias e artigos sobre “medicinas orientais” e outras práticas de saúde que prometiam atender a todo tipo de necessidades dos seus leitores, da promoção de saúde à cura de doenças específicas. Este também foi o momento, no Brasil, de emersão dos valores da contracultura (Dunn 2016). Contestando os valores estadunidenses pautados no consumo, no reducionismo científico e materialismo e, ao mesmo tempo, procurando fugir da polarização proposta pela Guerra Fria, a contracultura foi caracterizada como um movimento juvenil transnacional. Esta manifestação foi responsável por propor um estilo de vida redefinidor da noção de natureza, onde o ser humano se encontrava não em uma posição de superioridade mas integrado a ela (Monneyron e Xiberras 2008). A emergência das medicinas alternativas foi igualmente influenciada pela valorização da subjetividade própria da contracultura verificada na vontade do “paciente” em ser protagonista de seu processo curativo. No quadro de referências destas medicinas estava presente a incorporação de elementos explicativos não materialistas aos fenômenos que definiam saúde e doença.

Esse artigo irá abordar a medicina chinesa como uma das terapêuticas presentes no conjunto das medicinas alternativas existentes no período. Por “medicina chinesa” nos referimos não a um sistema fechado e autodefinido, mas a um conjunto variado de representações e discursos criados por diversos agentes sobre o que esta é ou deveria ser: o próprio termo chinês para “medicina chinesa” (*zhongyi* 中醫) surgiu apenas quando os chineses se depararam com a biomedicina europeia no final do século XIX (Lei 2014). Distinções entre uma suposta “medicina clássica chinesa” e “medicina tradicional chinesa”, ou entre uma medicina chinesa como praticada na China versus como praticada no Brasil podem gerar a ideia de que uma medicina chinesa homogênea e incorruptível existe ou já existiu em algum tempo remoto e de que tudo o que não se conforma a esta última é uma distorção ou corrupção. Entretanto, historiadores têm mostrado a importância em compreender a medicina chinesa como um sistema em aberto, plural e em constante mutação, cujos limites estão sendo constantemente redefinidos pelo uso de novas fontes, questões e metodologias (Lo 2009; Lei 2014; Andrews 2014). Assim, estamos menos interessados em identificar “distorções” do que em compreender como e porquê atores brasileiros na década de 1970 se apropriaram de conhecimento terapêutico associado à cultura chinesa.

No Brasil, havia uma pluralidade tanto em relação às práticas médicas chinesas quanto a seus atores. Iremos privilegiar o universo de informações sobre a medicina chinesa destinada ao

¹ “A volta da medicina popular com a cura pelas plantas” 1978.

grande público que poderia, através deste tipo de conhecimento, construir representações e tomar decisões sobre adotar ou não práticas alternativas em saúde (Herzlich 2005). Concordamos com Serge Moscovici e sua equipe quando afirmam que representações sociais são elementos capazes de criar uma realidade partilhada socialmente através da objetivação de imagens e noções (Moscovici 2019).

Para compreender esse processo em relação ao nosso objeto de pesquisa – isto é, que representações sociais sobre a medicina chinesa foram construídas e que direcionaram as escolhas do grande público em relação a esta medicina – escolhemos livros e artigos de jornais de grande circulação nacional, de modo que tanto as obras publicadas quanto os artigos estivessem em diálogo. Devido ao imenso volume de fontes primárias, decidimos nos focar em duas das terapêuticas chinesas mais discutidas na mídia impressa da década de 1970: a acupuntura e do-in. Mesmo com esta primeira seleção, precisamos refinar ainda mais nossas escolhas, selecionando os jornais que, em busca no arquivo digital da Biblioteca Nacional, apresentaram maior quantidade de artigos relacionados à temática e aos livros também eleitos de uma extensa gama, conforme explicaremos melhor adiante.

Abrigando a maior comunidade japonesa fora do Japão, a introdução de técnicas como acupuntura, massagem e artes marciais no Brasil ocorreu no início do século XX por meio da imigração japonesa. Naquele período, entretanto, este conhecimento se manteve restrito a colônias de imigrantes, especialmente em São Paulo. Sakae Make, integrante de uma equipe de natação que veio ao Brasil na década de 1940, é apontado como um dos primeiros divulgadores da acupuntura no país. Do mesmo modo temos como um dos primeiros praticantes Tsukasa Asano, um “velho agricultor japonês” que começou a oferecer massagens no Amazonas em 1957, atividade que continuou praticando quando se mudou para o Recife anos mais tarde (Cysneiros 1977).

Além de japoneses, imigrantes europeus também tiveram um papel fundamental na difusão da medicina chinesa em território brasileiro. Joaquim Bosk (Bosh?) Tarae, espanhol nascido no final do século XIX e radicado em Recife, estudou fisioterapia e medicina chinesa em Paris e, em 1975, havia mais de sessenta anos que praticava e ensinava acupuntura, massagens e outros exercícios físicos gratuitamente na capital pernambucana (Loureiro 1974; “Tstri” 1975). No final da década de 1950, o luxemburguês Frederico Spaeth, que não tinha formação medicina ocidental mas em fisioterapia e era seguidor da escola francesa de acupuntura, aprofundou a disseminação dessa terapêutica através da oferta de cursos (Nascimento 2006, 144–145).

Em 1958, Spaeth fundou a Sociedade Brasileira de Acupuntura e Medicina Oriental. Em 1972, o nome da instituição foi modificado para Associação Brasileira de Acupuntura (ABA) e, a

partir daí, houve uma difusão maior dos cursos em São Paulo e Rio de Janeiro. A mudança de nome e estatutos revela a redução da medicina chinesa (ou “medicina oriental”) à acupuntura, preterindo outras práticas daquela lógica médica (Rocha e Gallian 2016). Spaeth também organizou os primeiros seminários nacionais de acupuntura no Brasil e levou médicos brasileiros a visitar plantões permanentes de acupuntura em Paris. Curiosamente, por não ter formação em medicina, Spaeth foi destituído da presidência de ABA por seus próprios ex-alunos em 1980 (Kwang e Varanda 2008).

O Daoísmo também serviu de porta de entrada para a divulgação de terapêuticas chinesas no Brasil. A década de 1970 viu surgir cursos oferecidos em São Paulo e Rio de Janeiro por Wu Chao-Hsiang e Liu Pai Lin, mestres chineses de tai chi e acupuntura. Sem se limitar a estas terapias, Wu e Liu promoviam o conhecimento e prática de artes marciais e massagem, ressaltando a importância filosófica do Daoísmo na constituição da medicina chinesa (Nascimento 2006, 144–145). Ambos os mestres são apontados como peças-chave na introdução do Daoísmo no Brasil (Costa 2015, 83–84), revelando um universo conceitual da medicina chinesa mais amplo daquele oferecido pelos criadores da ABA.

Marilene Cabral do Nascimento afirma que a década de 1970 foi um momento em que vários acupunturistas foram processados pelo Conselho de Medicina, que resistia à prática. A relação da acupuntura com “publicações ligadas ao ocultismo e ao esoterismo” teria impulsionado, a partir de 1976, um movimento de reconhecimento da acupuntura, tentando aproximá-la da biomedicina (Nascimento 2006, 146) – transformação que já havia se iniciado na China e Japão no final do século XIX (Lei 2014). As décadas seguintes deram continuidade a esta tendência, com a introdução da acupuntura no sistema público de saúde brasileiro e o acirramento da disputa entre médicos e não-médicos pelo seu exercício.

Esta breve contextualização nos permite perceber o quão heterodoxa foi a participação dos vários atores que compuseram a medicina chinesa no Brasil. Para além do universo dos terapeutas, da formação de instituições e disputas por um lugar legítimo de fala e prática, existe um cenário mais amplo composto pelo grande público, na época ávido por conhecer e consumir “novas” formas de se tratar a doença e conservar a saúde. O questionamento da hegemonia biomédica não é algo novo. Porém, este ganhou ímpeto após a Segunda Guerra com o movimento de contracultura e a ascensão das medicinas alternativas, deslocando a responsabilidade da saúde do médico e de instituições para o indivíduo e suas escolhas, pautadas em conhecimentos adquiridos socialmente (Nascimento 2006; Giddens 1992).

Medicina chinesa nas páginas de jornais e livros

As fontes que iremos analisar podem ser divididas em dois gêneros: jornais e livros, ambos voltados ao grande público. No caso dos jornais, focaremos em dois títulos de grande circulação que apresentaram número expressivo de notícias relacionadas à medicina chinesa: o *Jornal do Brasil*, criado no Rio de Janeiro em fins do século XX, e o *Diário de Pernambuco*, o jornal de mais antiga circulação no país. Nossa escolha permite certo rompimento com uma história baseada no eixo Rio-São Paulo sem se distanciar completamente dele, uma vez que foi importante para a consolidação da medicina chinesa no Brasil.

Durante a década de 1970, o sistemático esforço de legitimação da medicina chinesa através da prática da acupuntura foi largamente noticiado nas páginas dos jornais brasileiros. Alguns inclusive afirmavam que, dentre o arcabouço de medicinas alternativas, a acupuntura era a que mais se aproximava da biomedicina (Barbosa 1978a). Aqui, daremos mais atenção a como a acupuntura foi apresentada ao grande público, quais releituras sofreu e como foi reapropriada por jornais e livros, sobrepujando outras terapêuticas chinesas. Iremos relacionar a acupuntura ao *do-in*, abordando como esta prática se interligava à medicina chinesa como um todo. Estas duas modalidades terapêuticas foram responsáveis, principalmente no início da década de 1970, em fornecer ao público brasileiro representações de saúde e doença conectadas à medicina chinesa. Embora outras práticas relacionadas a essa racionalidade médica também fossem abordadas por nossas fontes, a dimensão deste texto não nos permitirá analisá-las.

Os livros escolhidos pertencem a um contexto editorial bastante específico: trata-se de um período de crescimento de consumo entre a classe média brasileira. Não apenas a relação de livros por habitante aumentou significativamente (Reimão 1996, 58; Hallwell 2017, 797), mas uma lei no final da década de 1970 também permitiu maior diversidade na distribuição de livros, que agora poderiam ser igualmente adquiridos em farmácias, postos de gasolina, livrarias, papelarias, ou mesmo através de cupons ou pedidos enviados pelos Correios (Reimão 1996, 62), como era o caso dos textos que trataremos a seguir.

Selecionamos três obras que irão dialogar com as reportagens sobre acupuntura e *do-in*: (1) *Acupuntura. A extraordinária e milenar Arte Chinesa de curar doenças* (Marc Duke, 1972, Cr\$22,00), da editora Artenova, (2) *Do-in, guia de auto massagem* (Jacques De Langre, 1973, 12 mil exemplares na primeira edição, Cr\$10,00) e (3) *Do-In, livro dos primeiros socorros* (Juracy Cançado, 1976, Cr\$30,00 em 1977), os dois últimos publicados pela editora Ground. Enquanto a editora Artenova tinha um perfil mais relacionado à publicação de literatura estrangeira, a editora Ground pertencia a um universo editorial específico construído ao longo do século XX, onde editoras como Cultrix (1955)

e O Pensamento (1907) atendiam ao público leitor interessado em autoconhecimento, espiritualidade e ciências ocultas (Hallwell 2017, 370–371).

Medicina chinesa no século XX

Antes de nos focarmos no caso brasileiro, é importante compreender o estado da medicina chinesa no século XX. Assim como outras práticas culturais modernas, ela deve ser abordada como um fenômeno transnacional e de globalização que participou de um processo de pluralismo médico junto às sociedades cujo saber biomédico era predominante. Nesta dinâmica, atingiu vários países e esteve atrelada ao deslocamento de saberes e de pessoas em diferentes locais do mundo. Compreender este processo de maneira ampla nos permite entender as peculiaridades e similaridades da implementação e desenvolvimento da medicina chinesa em diferentes contextos nacionais (Candelise 2011).

Primeiro país asiático a entrar em um acelerado processo de industrialização e modernização nos moldes ocidentais, o Japão serviu de inspiração às elites reformistas chinesas do século XIX e XX. Em busca de promover a biomedicina europeia, tomada como sinônimo de progresso e modernidade, a partir da década de 1880 o governo japonês da era Meiji (1868–1912) aboliu o ensino e prática de técnicas terapêuticas populares locais, muitas das quais eram baseadas majoritariamente em práticas de cura chinesas (Josephson 2012). Embora tentativas do estado chinês de seguir o modelo japonês e abolir a medicina chinesa tenham parcialmente fracassado, a ideia de que esta deveria se “refazer” nos moldes biomédicos persistiu. A reinvenção da medicina chinesa a partir da década de 1950 é o que atualmente chamamos de Medicina Tradicional Chinesa, ou MTC (Lei 2014).

A medicina chinesa não é um sistema homogêneo e imutável, importado de uma China congelada no tempo durante milênios. Mesmo que muitos relatos e análises sobre esta lógica médica apelem para a qualidade de “tradicional”, ela deve ser pensada no plural. Na verdade, apesar de seu nome, a própria Medicina Tradicional Chinesa (MTC), hoje amplamente ensinada em universidades públicas na China e reconhecida pela Organização Mundial de Saúde como uma medicina “tradicional”, é apenas a versão oficial da medicina chinesa que vem sendo desenvolvida e promovida pelo Partido Comunista Chinês desde meados da década de 1950 (Taylor 2005; Unschuld 1984).

Enquanto nega enfaticamente todos os elementos religiosos que outrora formavam a base das inúmeras práticas terapêuticas existentes na China, a MTC busca adotar os métodos e parâmetros da biomedicina como forma de se legitimar perante o mundo e se transformar em um

produto comercializável globalmente (Taylor 2005; Coutinho e Dulcetti 2015). Conseqüentemente, a MTC aspirava à uniformização e secularização de pensamentos e práticas que jamais foram uniformes ou seculares. Artes divinatórias, talismãs, preces, fengshui, alquimia, escrita espiritual, meditação, artes marciais e astrologia foram apenas algumas das terapias desprezadas e atacadas pela medicina chinesa oficial como “superstição”, mas extensamente utilizadas pelos chineses por milênios, inclusive hoje (Junqueira 2021; Lei 2014; Chau 2008; Hsu 1999)

Releituras da acupuntura

Em solo brasileiro, a importância da acupuntura foi tamanha que gerou disputas entre seus praticantes e instituições, principalmente em relação a legitimidade dos profissionais que a praticavam: o ponto alto desse processo aconteceu com seu reconhecimento como especialidade médica em 1995 (Nascimento 2006, 154). Porém, além dos profissionais em saúde, havia um vasto público que participou ativamente nessa discussão, construindo suas ideias sobre acupuntura através do acesso ao crescente número de livros, manuais e notícias sobre o assunto.

Um dos primeiros livros de acupuntura publicados na década de 1970 foi lançado pela editora Artenova (Hallwell 2017, 744): *Acupuntura. A extraordinária e milenar arte de curar doenças*, por Marc Duke. O livro de Marc Duke foi objeto de divulgação em vários jornais brasileiros, tendo sido apresentado no *Jornal do Brasil* no mesmo artigo que comentava o livro *Do-in, guia prático de auto massagem* (Azevedo 1973), recebendo ainda visibilidade através do *O Jornal* (Cavalcanti 1972) e do *Diário de Pernambuco*. Este último louvava o livro como o guia ideal para “deslindar alguns dos mistérios da acupuntura e seu significado”, uma técnica cuja eficácia fora recentemente comprovada por cientistas russos e cujas realizações já eram aclamadas pelos chineses quando “o homem ocidental ainda dilacerava carne crua com as mãos”.²

Segundo a edição original, *Acupuncture* foi o primeiro livro escrito por Marc Duke, descrito como sinólogo, fluente em mandarim e outrora um paciente submetido a esta terapêutica (Duke 1972a). A tradução portuguesa do livro, lançada no Brasil no mesmo ano de sua publicação nos Estados Unidos, é tão rica em ilustrações como a versão original. Da mesma maneira, foi dividida em dez capítulos acrescido de um apêndice cujo objetivo era fornecer elementos ao leitor sobre as principais indisposições e doenças e seu tratamento pela acupuntura. Concentradas no miolo da obra, as imagens eram compostas por fotografias da acupuntura sendo aplicada na China e por desenhos, antigos e atuais, representando os órgãos do corpo humano, meridianos e pontos de

² “Acupuntura” 1972.

acupuntura – estes últimos, um complemento importante para a finalidade prática do apêndice do livro.

Um dos enfoques principais de apresentação da acupuntura era sua ação anestésica, um dos pontos mais explorados tanto no livro quanto em jornais, em uma tentativa de remover a resistência dos mais céticos quanto ao seu poder de ação. Além disso, o autor apresentava algumas doenças que a medicina ocidental não conseguia tratar, lançando mão de exemplos de cura de pessoas famosas para corroborar sua tese de que a acupuntura era capaz de “milagres”. Ao mesmo tempo em que construía essa imagem quase mística das curas pela acupuntura, Duke descrevia com naturalidade a expectativa de que a terapêutica chinesa pudesse ser provada pela biomedicina (Duke 1972b, 21).

Apesar de acreditar na possibilidade de comprovação pela ciência, Duke não se afastava dos princípios filosóficos norteadores da medicina chinesa. Ao contextualizar a eficácia da acupuntura na sociedade chinesa, ao invés de recorrer a explicações próprias ao paradigma científico, ele preferia apresentar as razões filosóficas de seu funcionamento explicado através da construção de uma identidade chinesa: “o povo sente que ela funciona porque a acupuntura partilha de um talo comum junto com outras pétalas da flor cultural chinesa. Esse talo, a teoria chinesa do universo, tem sido extremamente útil para o povo” (Duke 1972b, 81).

Os elementos da cosmologia chinesa valorizados na obra diziam respeito às correspondências entre microcosmos (ser humano) e macrocosmos (universo) através das teorias do *dao* 道, Yin-Yang 陰陽 e Cinco Elementos (*wuxing* 五行).³ Para introduzir a aplicação de Yin-Yang na acupuntura, Duke fazia a conhecida citação do capítulo 71 do *Lingshu* 靈樞 (Pivô Espiritual), que comparava o corpo humano e seus elementos ao mundo externo: “assim como o Céu é redondo e a Terra quadrada, assim também a cabeça do homem é redonda e o pé quadrado [...]” (Duke 1972b, 83). Esta correspondência era vista por ele como fundamental para o funcionamento da acupuntura e a percepção sobre saúde e doença⁴:

O universo inteiro, pensa o acupunturista, funciona de maneira tão precisa, tão ordenada que não contém mistérios acima de sua capacidade de compreensão. Isto não é arrogância, mas um rico sentimento de associação entre o homem e a natureza. Porque nenhum poder supremo, nenhum Senhor das Hostes, criou o mundo, as forças que regem a vida e a morte, a doença e a saúde, não podem estar acima da compreensão do homem. Elas estão, em forma de Ch’i, presentes em toda a criatura viva, em toda árvore e flor, em todo o sopro de vento e pingo de chuva. [...] Toda agulha que o acupunturista torce entre seus dedos contém a carga pesada da harmonia universal em sua extremidade delgada e pontiaguda (Duke 1972b, 160).

³ Cinco Elementos é o termo que Duke usa para traduzir *wuxing*, também conhecido como Cinco Agentes ou Cinco Fases.

⁴ A correspondência entre o microcosmos e macrocosmos presente na interpretação do corpo humano e dos processos de saúde e doença não se restringiu à medicina chinesa, fazendo parte do simbolismo ocidental até ao menos a modernidade. Cf. Le Breton, 2013; Kuriyama 1999.

Duke destacava o protagonismo humano nas relações entre os vários elementos que compunham o universo, rejeitando a ideia de criação judaico-cristã e se aproximando da cosmologia Daoísta. A apresentação do papel do terapeuta e dos processos de saúde e doença, colocando-os em relação com a natureza, era um elemento muito apreciado pelo público que defendia uma outra relação ser humano/natureza, proposta pela contracultura, movimentos ecológicos e *New Age*. Neste sentido, o conceito de *qi* se tornava fundamental como linha de continuidade e conexão entre os seres que compunham o universo, transformando o terapeuta em maestro nesta interdependência.

O *qi* – escrito como Ch’i por Duke – foi incorporado em *Acupuntura* como um conceito fundamental de explicação do funcionamento não só da terapêutica mas de todo o universo: “Ch’i é o que os chineses chamam como a força motivadora de toda a vida” (Duke 1972b, 87). Duke se afastou das relações entre *qi* e energia mais recorrentes nas explicações ocidentais sobre a dinâmica da acupuntura para se apoiar na defesa de sua cosmologia original. Isso se verifica em outros capítulos do livro, como o consagrado ao diagnóstico através do pulso.

Embora a maior parte do livro trouxesse aspectos teóricos a respeito da medicina chinesa e da acupuntura, eles não estavam descolados da sua dimensão prática. Antes da lista relacional entre meridianos, pontos e sintomas, Duke advertia: “não é, de forma alguma, uma relação completa, que ocuparia centenas de páginas e difere de autoridade para autoridade. Tampouco é um guia destinado a amadores” (Duke 1972b, 183). O alerta poderia ter sido um indicativo de que a obra era destinada aos profissionais de saúde, uma vez que o autor se valia da autoridade de médicos para referendar seus argumentos. Porém, sua distribuição não era restrita e destinava-se ao grande público. Além de ter sido reeditado e reimpresso por diversas editoras americanas e britânicas, *Acupuncture* foi traduzido para o português, espanhol, alemão, holandês, francês e italiano.

O suposto caráter “fantástico” ou “milagroso” da acupuntura foi igualmente explorado em jornais. “Os chineses curam os surdo-mudos” (1971), afirmava uma reportagem que vinculava a acupuntura ao governo de Mao Zedong; “a acupuntura tem curado dores de cabeça e até câncer” (Resberger 1972), “Acupuntura é usada para operar coração” (1974). O encantamento com a eficácia da acupuntura no Brasil deveu-se, em grande parte, à intensa propaganda do Estado chinês da época, apresentando-a ao Ocidente como um de seus elementos culturais com base científica (Lei 2014; Taylor 2005). Desta forma, ao mesmo tempo em que a acupuntura era retratada como uma alternativa à biomedicina, sua eficácia era legitimada pela ciência ocidental (ex. Barnier 1977; Motta 1977; Chaves 1979).

Como vimos anteriormente, a dimensão política da acupuntura não era uma novidade. Isso se mostrou ainda mais claro na histórica viagem de Richard M. Nixon a China em 1972, o primeiro presidente estadunidense a visitar a República Popular da China desde sua fundação em 1949. A viagem de Nixon atraiu a atenção não só dos jornais estadunidenses mas também dos brasileiros, que noticiaram repetidamente a programação da visita que continha, entre outras atrações, uma demonstração de acupuntura no Hospital de Pequim, assistida com certo temor pela primeira dama dos Estados Unidos.⁵ O médico pessoal de Nixon, Walter Tkach (1917–1989), mostrou-se igualmente perplexo pelo uso da acupuntura elétrica como método de anestesia durante cirurgias (Witte 2020).

Mas a atração do ocidente pela acupuntura chinesa começou a ganhar momentum um ano antes, quando James Reston (1909–1995), repórter do *The New York Times* (NYT), viajou à China para cobrir a visita do então Secretário de Estado americano Henry A. Kissinger (1923–). Entretanto, durante sua viagem, Reston sofreu de apendicite e começou a sentir dores profundas na noite do segundo dia após sua cirurgia. Um médico do hospital ofereceu um tratamento por acupuntura e moxabustão ao repórter e após uma sessão de vinte minutos, o desconforto causado pela cirurgia havia passado completamente. Reston publicou sua experiência com acupuntura na primeira página do NYT, não deixando de esconder seu fascínio pelo sistema de saúde chinês (Reston 1971).

Coincidentemente ou não, no mesmo dia em que Reston recebeu tratamento com acupuntura, a mídia estatal chinesa *Xinhua News* anunciou na primeira página que médicos chineses haviam sucedido em desenvolver o método de anestesia com acupuntura.⁶ Tanto o registro de Reston no NYT e os anúncios oficiais foram amplamente noticiados internacionalmente, servindo como um catalisador para a popularização da acupuntura no ocidente. Durante este período, a observação de cirurgias por meio de anestesia com acupuntura se tornou um elemento obrigatório na agenda de diplomatas estrangeiros na China (Witte 2020)⁷.

Aproveitando a oportunidade, o governo comunista chinês passou a incentivar a divulgação de fotos e vídeos da “magnífica técnica” na mídia nacional e internacional, muitos dos quais republicados em jornais brasileiros. Em 1972, o cineasta italiano Michelangelo Antonioni (1912–2007) lançou seu aclamado documentário *Chung Kuo, Cina*, demonstrando o uso corriqueiro da acupuntura como substituta a anestésicos químicos por médicos chineses. Artigos sobre o

⁵ “Nixon” 1972; “Pat” 1972.

⁶ “Zai Maozhuxi” 1971.

⁷ Vale ressaltar que o uso da acupuntura como anestésico é relativamente recente, datando da metade do século XX (Taylor 2005), e que este uso não aparece em textos antigos, os quais adotam a acupuntura da mesma forma que utilizam fármacos, massagem ou talismãs.

documentário apareceram em jornais mundiais, geralmente fazendo menção à breve, contudo marcante, cena da cirurgia com acupuntura.⁸

A atenção do público brasileiro em relação à acupuntura também foi alimentada pelo setor de turismo que mostrava aquela terapêutica como atração cultural. Um artigo do *Jornal do Brasil* relatava um evento em Ipanema procurando estimular o público a considerar aquele país como destino de suas viagens. Dentre os potenciais turistas visados figurava o “médico despertado pela acupuntura e pela velha medicina chinesa”,⁹ indicando que havia um turismo médico já relativamente consolidado que tinha como destino a China.

As notícias que estimulavam o uso da acupuntura variavam entre pequenas notas, relatando seus sucessos e “milagres” quando aplicada por ocidentais ou chineses e outros mais estruturados, apresentando a dinâmica e aspectos filosóficos da medicina chinesa. Eram oriundos de agências de notícias internacionais ou de autoria de jornalistas brasileiros e muitas foram publicadas depois da visita de Nixon à China. Em comum, temos o olhar ocidental sobre a prática da acupuntura na China, descrevendo-a como “tradicional”, “milenar”, “milagrosa”, “intrigante”.

Um artigo da *Universal Science News* traduzido no *Jornal do Brasil* consagrava uma página inteira do caderno especial de domingo para relatar o contato de médicos estadunidenses com a medicina na China.¹⁰ O artigo destacava as qualidades analgésicas da acupuntura que “intrigavam” os médicos ocidentais. Este uso era descrito como eficiente principalmente quando combinado com a eletricidade.¹¹ Embora os japoneses e chineses tenham começado a integrar eletricidade e acupuntura já nas primeiras décadas do século XX, apresentar esta modalidade em jornais brasileiros acabava tornando a compreensão de sua ação mais próxima das explicações neurológicas de seu funcionamento.

Outro artigo relatava a oferta da acupuntura no Instituto Fitoterápico Murata no bairro da Liberdade, em São Paulo. O Instituto era dirigido por Kotaro Murata, o “especialista” e André Leme Sampaio, o “médico responsável”¹² – ou seja, aquele que garantia a legitimidade da prática por ter o diploma de médico. O espaço foi descrito pelo repórter como contendo “uma modesta ante-sala onde dezenas de pessoas, em sua maioria brasileiras, aguardam pacientemente a vez de serem atendidas. E, enquanto aguardam, vão relatando umas às outras as suas experiências com a

⁸ Por exemplo, “Encontro” 1972; Spencer 1979.

⁹ “China” 1972.

¹⁰ “A medicina” 1972.

¹¹ “A medicina” 1972.

¹² Seis anos depois da reportagem sobre o Instituto Fitoterápico Murata, o *Jornal do Brasil* relatava a existência de 12 casas de massagistas, acupuntura e moxa no bairro. Ver “Descendentes têm bairro em São Paulo” 1978.

acupuntura, sempre atribuindo ao método propriedades excepcionais, quase milagrosas” (Chimanovitch 1972).

Para Murata, a origem da acupuntura era “sem dúvida o Japão”, questionando a ancestralidade chinesa da prática. Sua explicação para o funcionamento da terapêutica se referia ao estímulo, através de finas agulhas ou o aquecimento de ervas medicinais, de pontos que se relacionariam “com órgãos internos através de reflexos nervosos especialmente simpáticos e parassimpáticos, possibilitando o restabelecimento do equilíbrio dos meridianos orgânicos”. A esta explanação, que adotava termos médicos ocidentais, Murata acrescentava a nomenclatura japonesa: “considera-se *keiraku* o sistema de reflexos sucessivamente surgidos na pele e no tecido subcutâneo, em consequência de moléstias e *keiketsu* os pontos de reflexo relativos a este sistema” (Chimanovitch 1972).

Pesquisas científicas sobre a eficácia da acupuntura foram também conduzidas em universidades públicas brasileiras. Em 1978, o *Diário de Pernambuco* anunciou, em uma série de artigos, a realização de estudos sobre “acupuntura aplicada” por estudantes do curso de pós-graduação em Odontologia na UFPE, que contavam com a presença de Frederico Spaeth, membros do Instituto Hannemahniano do Brasil, além de especialistas e professores de Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Uruguai (“Princípios básicos” 1978; “Faculdade” 1978). Entretanto, eram as várias pesquisas conduzidas nos EUA, Canadá e Europa as que mais recebiam destaque nas páginas dos jornais – provavelmente com o intuito de legitimar o uso transnacional, especialmente no “mundo desenvolvido”, da acupuntura.

A tentativa de comprovar ou explicar os efeitos da acupuntura a levava a outro extremo, ou seja, à aproximação desta a outros métodos de diagnóstico não convencionais ou não aceitos pela biomedicina. Um artigo do *Jornal do Brasil* abordava o trabalho de Thelma Moss (1918–1997), atriz, psicóloga e parapsicóloga americana que ficou conhecida por suas pesquisas com a foto Kirlian:

[...] além do vasto campo dos fenômenos telepáticos, os soviéticos parecem muito interessados nas fotografias da aura (Método Kirlian) e no aperfeiçoamento de aparelhos elétricos que, em contato com a pele, acendem luzes ao tocar determinados pontos. Curiosamente, afirma, esses pontos correspondem aos da acupuntura. Aliás, acrescenta, o diagrama de linhas e pontos da acupuntura encontra comprovação em práticas médicas realizadas muito longe da China. Na Venezuela, por exemplo, os feiticeiros de uma certa tribo implantam na parte superior do braço de seus clientes um pequeno cristal que anda por dentro dos tecidos e sai junto à mão. O trajeto percorrido - explica - é uma das linhas da acupuntura.¹³

¹³ “Congresso de bruxaria” 1975.

Ao mesmo tempo em que o artigo ressaltava a origem acadêmica de Thelma Moss, ancorando-a na Universidade da Califórnia e na metodologia sistemática de seus estudos, este também buscava comparar o estudo científico com práticas mágicas de povos originários, tentando estabelecer uma costura entre os universos científico e popular.

Quando não conseguia ser adequada pela biomedicina, a acupuntura tendia a ser rejeitada como medicina estranha e estrangeira. Embora as notícias favoráveis fossem grande maioria, críticas também existiam. Avisos curtos noticiavam, esporadicamente, o fechamento de clínicas de acupuntura nos Estados Unidos ou estudos que “comprovavam” a falta de eficácia desta técnica (“Acupuntura” 1977; “Pelo mundo” 1973; “Acupuntura” 1974). Em 1977, as páginas policiais do Diário de Pernambuco publicavam um artigo contra o “curandeiro” e “vigarista” Alexandre dos Santos Silva Neto, um parapsicólogo “adepto da filosofia oriental, especialista em acupuntura e homeopatia”, que criticava todos os médicos como “analfabetos” (“Conde Alexandre” 1977). Seguindo esta tendência à rejeição, o médico Vasco Azambuja teceu comentários sobre o livro de Marc Duke após sete anos de seu lançamento, ao responder a uma questão de um paciente sobre tratamento da próstata com acupuntura:

A acupuntura parece estar em franco declínio em seu próprio país de origem, a China. É método de tratamento carente de fundamento racional, de base científica, ao qual há falta de lógica dos fatos experimentais sérios, pelo menos diante do que tem sido publicado até hoje. Não passa de uma reflexoterapia, de fugazes efeitos e atuante sobretudo pela sugestão, pela persuasão e talvez pelo hipnotismo. O livro do norte-americano que esteve na China e narra coisas extraordinárias, não me convenceu. É bem verdade que o método está em observação na Inglaterra, mas até o momento os ingleses não se entusiasmarão. Aconselho-o, em vista disso, a procurar um bom urologista e tratar sua afecção prostática pelos métodos clássicos.¹⁴

Nos argumentos do Dr. Azambuja para desaconselhar a acupuntura, descobrimos ao menos dois importantes elementos: a suposta falta de explicação racional para seu funcionamento, que se avizinhava à sugestão hipnótica e a desconfiança dirigida a uma terapêutica não ocidental ou não referendada pelo ocidente. Curiosamente, em contraste com o Dr. Azambuja, explicar a eficácia da acupuntura por meio de sugestão e hipnose era visto com um olhar extremamente positivo no Japão e China durante o século XX, pois demonstrava a eficiência da terapêutica tanto em termos fisiológicos quanto psicológicos.

No âmbito do grande público, havia certo cuidado em garantir a legitimidade dos praticantes de acupuntura, como vimos no caso de Murata. Em Porto Alegre, quando o dentista Gerardo Julio Coudet promoveu uma série de demonstrações no “Primeiro Curso de Introdução à Acupuntura para Dentistas”, um pequeno estojo com agulhas fora roubado por alguém que estava

¹⁴ “Medicina” 1979.

próximo a ele, o que gerou seu comentário: “tenho medo de que o nosso temperamento latino transforme a acupuntura em charlatanismo. O indivíduo que roubou as peças hoje, amanhã também pode anunciar uma falsa especialização e sair cravando agulhas a torto e a direito, abusando da boa-fé de seus clientes” (Dieckman 1974).

O dentista talvez tenha surpreendido o leitor ao afirmar não dispensar a compreensão dos princípios originais desta terapêutica chinesa. Estes conceitos não deveriam ser compreendidos através da lógica biomédica: “A acupuntura deve ser aceita como é, sem tentativas prévias de interpretação pela nossa mentalidade ocidental. À medida em que desenvolvemos esta prática milenar, teremos condições de absorver os seus princípios e tentar uma tradução, com o auxílio paralelo da investigação científica” (Dieckman 1974). Ao mesmo tempo, o dentista expressava seu interesse em fundar um centro de investigação odontológica que reunisse diversos profissionais em saúde em torno da acupuntura, homeopatia, plantas medicinais e massagem japonesa, demonstrando a possibilidade de interconexão entre as várias medicinas alternativas.

A compatibilidade entre acupuntura e outras terapêuticas ou lógicas médicas consideradas alternativas na época era comum em jornais e livros. A carta de um leitor do Jornal do Brasil declarando seu apoio a “alternativas mais saudáveis, como macrobiótica, vegetarianismo, agricultura biológica, acupuntura, homeopatia, ioga, flora medicinal, ou ir para o campo” e uma nota que convidava aos leitores ao “1.º Ciclo de Palestras sobre acupuntura, ervas medicinais, homeopatia, macrobiótica e Ioga promovido pela loja Em compasso de Fotossíntese” no Rio de Janeiro (“Cursos–Acupuntura” 1979), lembravam ao público que estas relações existiam (Neto 1978). O mesmo se repetia no Diário de Pernambuco, como em um artigo escrito por Zenaide Barbosa onde a autora exaltava as “novas formas de curar os seus males” por meio da “novíssima medicina [alternativa]”, que incluía pranoterapia, radioestesia, quiroterapia, massaterapia, psicoterapia, hipnotismo, cromoterapia, musicoterapia, fitoterapia e claro, homeopatia e acupuntura (Barbosa 1978a).

A inserção da acupuntura no Brasil pode ser percebida também através de pequenos detalhes nos jornais como sua presença em jogos de passatempo, quadrinhos, livros de ficção, filmes e até o nome de um cavalo de corrida (“O jogo do dia-a-dia” 1972; “Peanuts” 1975; Pontes 1975; “Cinema” 1976; “Garve” 1979). Além disso, o relato de “famosos” brasileiros e estrangeiros sobre o sucesso de suas experiências com acupuntura ajudaram a familiarizar o público com a técnica (Sobral 1973; “Pace” 1975; “Artes e artistas” 1975; Carvalho 1979; Alencar 1979; Lady Francisco” 1979). Por outro lado, os jornais traziam inúmeros anúncios de ofertas de profissionais que utilizavam acupuntura, principalmente nos últimos anos da década de 1970. Acompanhando a

publicidade profissional – os anúncios não precisavam se os terapeutas eram médicos ou não. Podemos encontrar divulgações de cursos de acupuntura que variavam desde aqueles oferecidos por médicos e conjugados a outras terapias corporais como o shiatsu e “quiromática” (“Cursos–Medicina Oriental” 1979). Essas ofertas indicam que, até o final da década de 1970, a acupuntura havia se tornado uma prática terapêutica cada vez mais familiar ao grande público brasileiro.

O Do-in/Daoyin como via de autocuidado

No dia 8 de julho de 1973, o Caderno B do *Jornal do Brasil* anunciava o primeiro lançamento da editora Ground, intitulado “Automassagem”:

Dia 11, às 20 horas, a Galeria Estúdios lança, com chá e comidas macrobióticas, o livro DO-IN, guia prático de automassagem, de autoria de Jacques de Langre. O livro foi traduzido e adaptado por dois brasileiros, Juracy Lopes Cançado e Eugênio Amado, e consta de uma série de 39 exercícios de automassagem, de acordo com uma técnica oriental de mais de 5 mil anos, originária na China e desenvolvida no Japão. A Editora Ground, agora lançando o DO-IN, anuncia uma série de livros com caráter informativo e prático, visando oferecer alternativas reais e funcionais para o homem moderno, bem como obras filosóficas de interesse atual e literatura e poesia de alta qualidade. Endereço da Galeria: rua das Laranjeiras, 498 (Ayala 1973).

A editora era responsável pela divulgação de “alimentação natural e filosofia e medicina oriental, assuntos poucos veiculados no Brasil”, sendo que seu primeiro livro, DO-IN, guia prático de auto massagem havia atingido a marca de 120 mil exemplares vendidos até 1979, mais de um quarto de todas as suas vendas (“Os novos camponeses” 1979). Seu autor, Jacques de Langre, era belga e vivia na Califórnia, tendo estreita relação com o movimento macrobiótico estadunidense (Shurtleff and Aoyagi 2020, 1107).

A primeira obra publicada pela Ground revela muito do mosaico que formava a denominada “medicina oriental” no Brasil. Originário na China há mais de dois milênios atrás, o do-in, pronunciado *daoyin* 導引 em Mandarim moderno, refere-se a um conjunto de técnicas terapêuticas e de cultivo de qi, como regimes de higiene, purificação, alquimia, dieta, sono, exercícios físicos e comportamento sexual que deveriam ser praticados de acordo com a mudança das estações do ano (Lo 2014). Os caracteres que compõe o termo são *do/dao* 導 (guiar) e *in/yin* 引 (puxar), uma alusão à circulação de qi e aos movimentos característicos dessa terapêutica. O do-in foi introduzido no Japão muito cedo junto com outras técnicas da medicina chinesa, e nos textos publicados no Brasil durante a década de 1970, é o *shiatsu* 指压 (lit., “pressão com os dedos”), um método de massagem inventado por Namikoshi Tokujirō 浪越徳治郎 nos anos 1940, que prevalece (Anderson 2008).

DO-IN, guia prático de auto massagem, ficou na lista de livros mais vendidos em Belo Horizonte no mês de outubro de 1973 e recebeu a atenção da revista *Cruzeiro* (“Os mais vendidos”

1973), ganhando sete páginas em uma reportagem fartamente ilustrada (Oliveira 1973). O apelo ao autocuidado foi um elemento essencial na difusão da obra, uma vez que a técnica não requeria um terapeuta para sua aplicação, nem instrumental necessário para fazê-lo além das próprias mãos. Tampouco se revelava uma terapêutica que produziria riscos.

Ao introduzir o livro, fartamente ilustrado com fotos da aplicação do do-in, seus tradutores apresentaram uma ressalva: a versão em português havia recebido uma reestruturação já que “o livro original fora endereçado a um público bem mais familiarizado com as ciências orientais que o brasileiro” (Langre 1973, 10). Afirmando terem sido fiéis ao original, os tradutores admitiram a necessidade de fornecer mais explicações acerca de conceitos como “meridianos” e “energia Ki.” Porém, procedendo a uma comparação cuidadosa, podemos perceber que houve o esforço de simplificar a linguagem, retirando ou diminuindo a importância de elementos chave da filosofia chinesa embasadora do do-in, como qi e Yin-Yang.

Por que o livro, em seu original, teve versão bilíngue? O motivo foi assim explicado pelo autor:

Por quê Bilingue?

Se, em um passado longínquo, e por vezes repetidas, o mundo esteve unido completamente, com cada homem, cada mulher e criança vivos e em perfeita harmonia uns com os outros e com o universo, então é muito provável que o Do-in, de forma semelhante foi praticado pelo mundo inteiro.

Esta opinião foi confirmada quando, depois de ter dado, em inglês durante um ano, cursos de Do-in nos Estados Unidos, comecei a ensinar em francês aos nossos amigos belgas e franceses por ocasião da minha recente viagem à Europa. Esta técnica foi recebida e acolhida com tal entusiasmo que, a pedido dos nossos amigos de além-mar que este livro, impresso em duas línguas, desde a primeira edição, para ajudar os amigos francófonos a continuar a prática de Do-in mas, sobretudo, para estabelecer novamente esta ponte sólida de compreensão entre dois continentes e uma base comum para recriar a harmonia entre os homens de diferentes línguas (Langre 1971, 10).

A justificativa de uma publicação bilíngue ultrapassava a globalização que levou o do-in aos Estados Unidos e, depois, ao Brasil, repousando sobre as bases filosóficas da medicina chinesa e levando o autor a desejar que sua obra, assim como o do-in, pudesse promover uma (re)união entre os seres humanos existente, segundo ele, em um passado idealizado.

O livro original de Langre trazia outros elementos filosóficos ao longo de suas explicações técnicas, apresentando a classificação Yin-Yang para explicar a atuação e “polaridade” dos pontos de do-in, a posição das mãos ou características sintomáticas (Langre 1971, 10). Os tradutores brasileiros, no entanto, omitiram as referências à Yin-Yang. Outro ponto importante de omissão que causa curiosidade, pois fez parte do interesse inicial da equipe Ground, foram as relações entre do-in e macrobiótica contidas na obra. No capítulo sobre “Pontos de Primeiros Socorros”, por exemplo, a versão original conjugava os pontos de pressão com receitas de chás, alimentos ou

compressas originários da macrobiótica, que foram retirados na versão brasileira. (Langre 1971, 31).

Os tradutores provavelmente optaram por fazer do livro de Langre exclusivamente um manual de automassagem, como indicaria seu título em português, pois o desconhecimento do público leitor a respeito da macrobiótica não se justificaria, uma vez que a existência de associações macrobióticas no Brasil data de décadas anteriores. Além do mais, foi uma decisão que acabou ferindo o propósito e o alcance da obra: Langre, na versão original, esclarece o leitor que, apesar do poder curador do do-in, a terapêutica só poderia ter resultados duradouros para as pessoas “que compreendem e seguem a disciplina macrobiótica” (Langre 1971, 5). Curiosamente, cursos de medicina chinesa e do-in patrocinados pela Ground eram geralmente oferecidos em cooperação com associações macrobióticas.¹⁵

No entanto, alguns conceitos foram poupados, principalmente na introdução do livro, como é o caso de qi, grafado pelo autor como Ki. O conceito foi interpretado como “energia”, seguindo a tendência em ocidentalizar noções já conhecida no processo de introdução, na Europa, de algumas terapêuticas chinesas como a acupuntura.

Vimos anteriormente que o homem utiliza o meio ambiente como fonte de energia e estimulação mental. Além de ar, luz e comida que ele absorve, existem vibrações mais altas do cosmos, notadamente a energia eletromagnética “Ki”, captada pelo corpo através de seus vários pontos de pressão. Esses pontos, localizados profundamente na pele, têm estrutura em espiral e determinam os canais ou “meridianos” que transmitem essa energia eletromagnética no corpo. [...]

A existência desses meridianos e sua relação com os pontos de pressão são conhecidas pela medicina tradicional há milhares de anos. A medicina ocidental moderna e a embriologia afirmam que a pele e os nervos do embrião se desenvolvem da mesma maneira que as células: existem pontos no ectoderma (camada externa do embrião) que em nove meses se transformam na pele e no sistema nervoso. (Langre 1973, 15).

A apresentação da “energia Ki” foi complementada por um desenho cujo propósito era explicar a “entrada” da “energia” pela pele, materializando ainda mais esse conceito. Tecendo essas considerações anatomo-fisiológicas, o autor acabava por construir uma representação do funcionamento do do-in que ocidentalizava a técnica e a aproximava das próprias concepções de corpo da biomedicina de uma forma ainda mais intensa daquelas outrora conduzidas no Japão. Porém, apesar da equivalência de qi com “energia”, esta noção não era utilizada pela biomedicina que considerava o corpo material – ao invés do corpo energético ou magnético – como objeto de sua intervenção.

¹⁵ Por exemplo, “Macrobiótica” 1975.

Embora a tradução brasileira tenha alterado elementos do original, os editores da Ground publicaram uma apresentação à versão traduzida que nos deixa perceber quais eram os elementos valorativos do *do-in* e de outras “medicinas orientais”:

A milenar cultura oriental já não representa mais um mistério para o homem do Ocidente. Nos últimos dez anos, centenas de obras sobre filosofias asiáticas foram editadas nos Estados Unidos e na Europa. O que se considerava há algum tempo como exotismo vai gradativamente se tornando matéria de conhecimento geral nos centros mais evoluídos do Ocidente.

O I-Ching – complexo livro sagrado dos antigos sábios chineses – tornou-se uma das publicações mais populares deste século. Yoga, meditação, judô, karatê, macrobiótica, zen, etc., são técnicas e filosofias de há muito conhecidas e praticadas entre nós. Mais recentemente, as maiores revistas do mundo dedicaram inúmeras páginas aos “milagres” da acupuntura. E a medicina tradicional do Oriente tem sido pesquisada por um número cada vez maior de cientistas ocidentais, com resultados um tanto desconcertantes para o racionalismo da ciência moderna.

Esse renovado interesse pelo estudo do Yin e Yang é um reflexo claro da crescente necessidade de novos caminhos. Ninguém mais desconhece os grandes problemas que afligem o homem de hoje: a poluição do “environment”, a vida sedentária das grandes cidades e especialmente os maus hábitos alimentares quase anulam, por assim dizer, todo o progresso que a ciência e a medicina desenvolvem no sentido de dar a ele melhores condições de vida (Langre 1973, 11).

Nesta apresentação, os editores explicitavam duas noções frequentemente ligadas às “medicinas orientais” de modo geral: a ideia de antiguidade, relacionada à uma suposta tradição e seus estudos pela ciência que, “desconcertada”, acabava por reconhecer os méritos de uma medicina que pertence ao passado. Esta oposição antigo/moderno era repleta de paradoxos quando se tratava de descrever as virtudes das medecinas orientais: ao mesmo tempo em que o antigo significava tradicional e, portanto, valorizado, ele assim o era por poder ser avaliado e porventura referendado pela ciência, produto do que é atual, contemporâneo, “moderno”. Fechando o raciocínio, temos uma crítica a esta mesma “modernidade” que, apesar de fornecer os “avanços” da ciência, também induz um modo de vida ao ser humano que o adoce e que, por sua vez, recorre às “antigas medecinas orientais” em busca de cura. E era justamente a “medicina de vanguarda” que estava confirmando e difundindo a sabedoria milenar dos povos antigos do oriente (“Princípios básicos” 1978).

O livro de Langre teve uma boa cobertura da imprensa brasileira. Além da notícia de seu lançamento, o anúncio de onde a obra poderia ser adquirida completava as informações práticas necessárias ao leitor que gostaria de ter acesso a ela: “[...] estará à venda em livrarias, bancas de jornal, lojas e restaurantes macrobióticos, institutos de ioga e universidades, ao preço de Cr\$ 10,00” (“Livros” 1973). *Do-in, guia prático de automassagem* era anunciado ao lado do livro *Ioga, libertação do asmático*, o que completa a ideia de que todas as medecinas e terapêuticas “orientais” acabavam por ter suas representações construídas através de amálgamas. Em 1979, o *Diário de Pernambuco* informava que o livro já estava em sua nona edição, elogiando suas ilustrações e dimensão prática, cujo conteúdo “até uma criança consegue entender” (Cavalcante 1978). Os espaços de venda do

livro, todos relacionados a um público leitor que compartilhava certo interesse pelo “orientes” e tinha bom nível de escolaridade, sugerem a existência de uma rede de praticantes interessados em um estilo de vida alternativo (Magnani 1999).

O livro de Langre era apresentado em composição a outras obras: *Acupuntura- a extraordinária e milenar arte de curar doenças*, de Mark Duke, e *Ioga, libertação do asmático*, de Swami Sivananda. O resenhista seguia o roteiro de explicação fornecido pelos tradutores brasileiros na nota e na apresentação, estabelecendo relações com outros elementos que a versão brasileira se absteve de fazer:

O Do-in não é apenas um tratado de automassagem mas também um guia precioso para permitir o recarregamento de funções vitais utilizando a energia cósmica que nos sustém. A doença é, então, uma disfunção nessa sintonia. Uma incapacidade em receber e distribuir a vida universal. A esse respeito o texto utiliza a mesma chave da harmonia existente entre o macro e o microcosmo, que é a tônica fundamental do pensamento tradicional das idades. O pitagorismo, cabala, hermetismo, gnosticismo, alquimia, maçonaria, rosa-cruzianismo [sic], afirmam essa correspondência como um axioma (Azevedo 1973)

O aspecto prático do livro era ressaltado pelas notícias de jornais, que se valiam de males “populares” como deficiência sexual, ressaca ou até mesmo ataques cardíacos para atrair leitores (“Do-In, a arte” 1973). As práticas nele contidas eram “simples e suaves”, direcionadas não apenas a cura de doenças, mas também à prevenção, cultivo da saúde e, finalmente, à autotransformação (Cavalcante 1978). Uma matéria sobre o livro publicada no Jornal do Brasil repetia a ideia de existência de um núcleo comum a todas as “medicinas orientais”: “integrado na Medicina tradicional do oriente, o Do-in fundamenta-se nos mesmos princípios que a acupuntura, ou seja, parte da existência de meridianos ou pontos de pressão” (“Do-In, a arte” 1973). Seguindo este caminho, o tradutor do livro de Langre, Juracy Cançado, salientava que o do-in “pode e deve ser complementado com outras técnicas [orientais] como o Yoga, Aikido, Expressão Corporal, Tai Ch’uan [sic], Rei-Do, Meditação ou qualquer prática que objetive uma maior integração com a natureza e um maior conhecimento de si mesmo” (Cavalcante 1978).

Várias eram as vantagens anunciadas para a adoção do do-in como terapêutica: sua gratuidade, fácil aplicação, e a familiaridade que o indivíduo construía com seu próprio corpo. Ou seja, a ideia de favorecimento do autocuidado, já presente no título do livro. Porém, para os interessados em se aprofundar na técnica, Juracy Cançado oferecia cursos no Instituto Brasileiro de Ioga (Rio de Janeiro), onde era diretor, com turmas mensais (“Do-In, a arte” 1973). Em Pernambuco, o do-in era parte integral de seus cursos de medicina chinesa, que também cobriam “acupuntura, Kuateu, Moxabusto, Shiatsu, filosofia, etc.” (“Macrobiótica” 1975). Suas aulas foram igualmente oferecidas em anos seguintes em associações macrobióticas e no Instituto Nataraj Ioga do Rio de Janeiro (“Do-In” 1976), totalizando, em 1978, 27 cursos em vários estados do país e

atingindo em torno de 6 mil pessoas (Shield 1978). O público alvo dos cursos oferecidos era composto por diferentes perfis: “médico, psicólogo, ator, massagista, educador, fisioterapeuta, desportista, sacerdote, místico, prático ou simplesmente leigo” (Pararrayos 1978).

Considerado o introdutor do do-in no Brasil e “a maior autoridade [em medicina chinesa] da América Latina” (“Macrobiótica” 1975), Juracy Campos Lopes Cançado é um terapeuta em atividade ainda hoje, autor e consultor de livros sobre massagem que “desenvolve amplo trabalho pedagógico de iniciação às artes terapêuticas chinesas e suas afinidades com as terapias corporais energéticas contemporâneas” (Editora Ground, n.d.). Segundo jornais da época, Cançado facilitou a introdução da “medicina oriental” não apenas no Brasil, mas também em outros países da América Latina, especialmente a Argentina, e realizou viagens de aprimoramento na Ásia (Barbosa 1978b).

Falando sobre os cursos de do-in e suas intenções em relação à publicação, o editor da Ground afirmava sua preocupação em oferecer uma medicina alternativa que estivesse ao alcance do público de forma a proporcionar-lhe autonomia em saúde:

A aceitação é muito grande, ainda mais que o Do-in vai treinar a pessoa para uma liberdade pessoal e para uma auto-suficiência, estranhas ao nosso momento, quando cada vez tentam mais nos envolver numa cultura de dependência. [...] A gente sente, sem querer entrar em atrito com a medicina, ela entra em atrito conosco. Porque há uma série de coisas que o ser humano precisa conhecer sobre si mesmo que, uma vez conhecidas, vão permitir-lhe uma familiaridade com o próprio corpo, que permite tratamento e cura de doenças, ou a conservação do organismo em estado de saúde. Conhecimentos que os preconceitos e – talvez mais do que isso – os interesses econômicos vedam até de superstições embora a experimentação científica já esteja até muito avançada nos assuntos ligados no que seria apenas uma atitude de medicina empírica (Farias 1976a).

A intenção de Cançado em oferecer alternativas à biomedicina revelada nesta entrevista também ficava clara em seu livro, publicado alguns anos depois do sucesso da obra de Langre. A apresentação e sua introdução da publicação teciam elogios ao interesse brasileiro pela “utilização de métodos naturais e técnicas milenares visando o controle das doenças e o restabelecimento do equilíbrio do organismo humano”, ao mesmo tempo que apontavam para uma “crise da cultura ocidental” que proporcionava uma época de transformações do ser humano capazes de “elevar sua consciência” e “tornar-se mais integrado com seu ambiente” (Cançado 1976, 11, 13). O declínio do “ocidente” correspondia a valorização do “orientes”, como um ciclo que já se aguardava: “no ventre de uma civilização agonizante surge o embrião de uma Nova Era” (Pararrayos 1978).

A crítica à biomedicina estava também presente na introdução do livro, através de uma certa censura à tecnocracia e o convite a um retorno à natureza (Cançado 1976, 13). Para Cançado, as práticas de saúde “naturais” sobrepujavam a tecnologia e a ciência, pois propunham elementos mais eficazes em recuperar a saúde, concebida como uma “restauração da ordem natural”. Neste

sentido, a ideia de “práticas antigas” era retomada pelo autor que afirmava ter o do-in se iniciado quando “o primeiro homem massageou o próprio pé ferido na tentativa de aliviar a dor” (Cançado 1976, 14).

Esta perspectiva de origem do do-in foi acompanhada por explicações filosóficas sobre seu funcionamento, que remetiam às noções chinesas de “Ki” e “yin/yang”. Em relação ao “Ki”, apesar de termos a tradução do conceito para o termo “energia”, Cançado o apresenta como o cosmos, “um organismo vivo e dinâmico” com o qual o ser humano está em direta relação por ser “uma réplica do Universo” (Cançado 1976, 15). Ki também é Unidade, conceito-chave no livro de Cançado para a compreensão de Yin-Yang. Segundo ele, estes são a manifestação da unidade em “dois aspectos opostos e complementares, negativo e positivo”, sendo esta interação a origem de todos os fenômenos.

O conceito de doença para Cançado estava diretamente relacionado à harmonia de Ki e se distanciava da avaliação biomédica quando considerava os sintomas como apenas sinais de um fluxo energético bloqueado e não como manifestações de uma doença reificada (Cançado 1976, 16). Esta apresentação bastante próxima aos conceitos de saúde e doença da medicina chinesa não descartava a possibilidade de conectá-los às explicações próprias da biomedicina. Assim, o “equilíbrio Yin-Yang” coincidiria com o “funcionamento dos nervos ortossimpático e parassimpático”, assim como o “Triplo-Aquecedor” poderia ser explicado pelas “três funções básicas do metabolismo (sistema respiratório, digestivo e genito-urinário)” (Cançado 1976, 17, 18). É interessante observar que estes elementos oriundos da medicina chinesa foram minimizados na primeira obra sobre do-in de Langre traduzida por Cançado e publicada pela Ground em 1973, mas foram colocados em evidência na obra de Cançado em 1976.

Considerações finais: Tradição, modernidade e a construção da “medicina chinesa” no Brasil da contracultura

A “medicina chinesa” ocupou cada vez mais espaço no Brasil dos anos 1970, participando do contexto de ascensão das medicinas alternativas: como indica o epílogo presente no início deste texto, ela fez parte de um conjunto amplo de práticas que inclui desde o uso de plantas medicinais a práticas corporais como o ioga. A pluralidade de sistemas médicos foi impulsionada pela política estabelecida em 1975 pela OMS para os países “em desenvolvimento” (Djukanovic and Mach 1975) sendo que esta orientação recebeu reforço na Conferência de Alma-Ata, em 1978. Pierrine Didier, analisando as políticas da OMS em Madagascar, chama a atenção ao sentido de “tradicional” construído pela instituição na década de 1970: ao mesmo tempo que se refere a medicinas que se opõem à biomedicina enquanto “medicina moderna”, também são rótulo para práticas

consideradas “antigas” ou “primitivas” (Didier 2015), incentivadas pela OMS em complementaridade à biomedicina para atender as necessidades de países mais pobres.

Quando investigamos mais atentamente percebemos que, para além de uma política institucional, existiu um contexto cultural propício para a disseminação de práticas de saúde que também questionavam as limitações da biomedicina. A ideia de medicina alternativa relacionada ao contexto da contracultura e do New Age indicava a busca por práticas de saúde que proporcionassem a individualização do “paciente”, o protagonismo deste no processo terapêutico e que atendessem à noção de ser humano indissociável física, psíquica e espiritualmente, sendo igualmente inseparável da “natureza”. Para um segmento importante de usuários de serviços de saúde, as medicinas alternativas representavam uma crítica às ofertas de saúde cartesianas e eram vistas como um sistema paralelo à biomedicina e não meramente complementar a esta (Sigolo 2019).

Estas duas facetas das medicinas alternativas nos indicam uma pluralidade bastante grande de sujeitos que possuíam alguma relação com a “medicina chinesa” no Brasil. Há muitas diferenças entre terapeutas e usuários, suas concepções e os amálgamas que fazem e é muito difícil estabelecer uma linha divisória diante da heterogeneidade de sentidos e apropriações construídos a partir do contato com o universo médico chinês. Percebemos, contudo, que os interesses de terapeutas e do grande público divergiam em muitos aspectos: estes últimos estavam mais atentos em compreender o funcionamento das medicinas alternativas para melhor poder escolher e, muitas vezes, aplicar em si mesmos as terapias apreendidas.

A notável popularidade do do-in no Brasil da década de 1970, por exemplo, parece ter sido atrelada justamente ao apelo a autocura e autoconhecimento, ou seja, à possibilidade de dispensar a intervenção médica por meio de terceiros: o indivíduo, e não o médico, seria dono de seu próprio corpo. Curiosamente, a ideia de que cada indivíduo deveria possuir conhecimento médico suficiente para cuidar de si e de membros da sua família era recorrente na China imperial, fazendo parte do ideal Confucionista de piedade filial e autocultivo Daoísta (Unschuld 1979).

Se nos ativermos apenas a fontes que nos mostram os debates ocorridos no nível institucional, não conseguimos perceber a grande pluralidade de atores e posições presentes no cenário de enraizamento das medicinas alternativas no Brasil. Por isso, optamos por elencar dois jornais de grande tiragem no Brasil e três livros sobre medicina chinesa que não esgotam as possibilidades de análise, mas que são importantes indicadores da circulação de representações sobre saúde, doença e ser humano sob o prisma da “medicina chinesa”. Nossa ênfase em manuais

e mídia de massa também demonstra o papel fundamental da crescente cultura impressa da década de 1970 na construção e disseminação da medicina chinesa no Brasil.

Tanto as políticas da OMS quanto a circulação da contracultura e dos movimentos new age apontam para outra característica da “medicina chinesa”: sua transnacionalidade, ou seja, seu movimento através de diferentes nações. As fontes escolhidas são significativas neste sentido: o livro sobre acupuntura analisado neste texto foi escrito por um jornalista estadunidense estudioso da medicina chinesa, sendo traduzido no mesmo ano de lançamento em português. No caso do do-in, o primeiro livro é de autoria de um belga que escreveu nos Estados Unidos em inglês e francês, visando o público daquele país e das nações europeias francófonas. O segundo livro é de autoria de um brasileiro e visava o público nacional. Esta reconstrução da medicina chinesa por “ocidentais” de diferentes origens também passa pela influência do Japão no caso do do-in e da França, no caso da acupuntura (Nascimento 2006, 145), sendo estes dois países os principais responsáveis pela releitura das duas terapêuticas no Brasil. Embora a influência dos Estados Unidos sobre o tema “saúde e estilo de vida alternativos” tenha sido bastante forte, seria bastante simplista encarar esta intervenção como um processo que se deu em linha direta.

O próprio conceito “medicina chinesa” é assim muito mais inclusivo do que exclusivo e suas fronteiras sugerem uma fluidez que o termo em singular pode inicialmente encobrir – não é à toa que “medicina chinesa” e “medicina oriental” são praticamente sinônimos nas fontes aqui analisadas. Mesmo na China, as fronteiras do que constitui “medicina chinesa” são notavelmente fluídas e entrelaçadas com a construção do estado chinês moderno (Lo 2009). Medir a suposta “autenticidade” do que era convencionalmente chamado de medicina chinesa no Brasil é, certamente, uma armadilha.

Assim, a medicina chinesa deste período é mais bem compreendida como uma “cross-cultural medicine” (Bivins 2011), ou seja, uma medicina formada por saberes e práticas que atravessaram não só fronteiras geográficas mas principalmente culturais. É importante ressaltar o interesse levantado pelos movimentos de contracultura e new age em estilos de vida que pudessem ser alternativos às propostas ocidentais, principalmente ao american way of life: neste sentido, povos autóctones, mas principalmente “orientais”, foram saudados como as fontes necessárias para este novo aprendizado civilizatório (Monneyron and Xiberras 2008).

Em relação à saúde no Brasil, considera-se inclusive a existência de um processo de orientalização do ocidente que deu espaço para o surgimento de novos paradigmas em saúde (Nogueira e Camargo Jr. 2007). Do outro lado do mundo, a segunda metade do século XX é também marcada pelo que podemos chamar de ocidentalização do oriente, como a criação de

medicinas nacionais, como a Medicina Tradicional Chinesa (China) e Ayurveda (Índia), baseadas em antigas terapêuticas locais combinadas com o conhecimento biomédico ocidental. Como no caso brasileiro, “modernidade” na China não significava a rejeição total de saberes “tradicionais”, mas sim a sua reinterpretação por meio de novos paradigmas científicos.

Através da análise das fontes escolhidas podemos compreender esse processo de apropriação da medicina chinesa como um “oriente” construído em duas etapas simultâneas. Primeiro, pela identificação desta lógica médica à acupuntura e por derivação ao do-in e, em segundo lugar, pela correspondência entre a “medicina chinesa” e a “medicina oriental”, termo que aglutina, homogeneiza e dá invisibilidade às diferenças e peculiaridades de cada sistema médico localizado no “oriente”. Este, por sua vez, está à mercê do Orientalismo descrito por Said como “vontade ou intenção de entender e de alguns casos controlar, manipular ou até incorporar aquilo que é um mundo manifestamente diferente (ou alternativo e novo)” (Said 2004, 24). No caso da “medicina chinesa”, este processo foi responsável pela construção de representações moldadas ora através da vontade de assimilar este novo para controlá-lo – como no caso da “tradução” da dinâmica de funcionamento da acupuntura e do do-in segundo a lógica biomédica – ora no sentido de acolher estas noções estrangeiras como uma alternativa às próprias ideias da medicina “ocidental”, procurando se aproximar dos conceitos filosóficos de forma a saudá-los como uma nova forma de cuidar da saúde e curar doenças.

Finalmente, a aproximação e a apresentação da “medicina chinesa” pelo “ocidente” parecem revelar muito mais sobre as preocupações e auto representações deste do que daquela. Assim como ocorre com a construção de estereótipos, as representações da medicina chinesa parecem mostrar, como em um jogo de espelhos, muito mais do Ocidente do que do Oriente, “representando o outro como uma inversão do eu” (Burke 2004, 173).

Referências bibliográficas

Fontes

- “‘Conde Alexandre’ ataca de curandeiro”, *Diário de Pernambuco*, 8 de julho de 1977, 15.
- “A medicina na China de Mao”, *Jornal do Brasil*, 13 de março de 1972, Caderno Especial, 4.
- “A volta da medicina popular com a cura pelas plantas”, *Diário de Pernambuco*, 28 de dezembro de 1972, C72.
- “Acupuntura é usada para operar coração”, *Jornal do Brasil*, 20 de abril de 1974, 11.
- “Acupuntura, um em dez”, *Diário de Pernambuco*, 7 de junho de 1977, 6.
- “Acupuntura”, *Diário de Pernambuco*, 19 de outubro de 1972, Terceiro Caderno, 5.
- “Artes e artistas”, *Jornal do Brasil*, 27 de agosto de 1975, Caderno B, 3.
-

- “China”, *Jornal do Brasil*, 17 de outubro de 1972, 2.
- “Cinema”, *Jornal do Brasil*, 22 de agosto de 1976, 2.
- “Congresso de Bruxaria: As revelações das auras”, *Jornal do Brasil*, 27 de agosto de 1975, Caderno B, 10.
- “Cursos–Acupuntura”, *Jornal do Brasil*, 26 de maio de 1979, Caderno B, 2.
- “Cursos-Medicina Oriental”, *Jornal do Brasil*, 6 de abril de 1979, Caderno B, 7.
- “Descendentes têm bairro em São Paulo”, *Jornal do Brasil*, 8 de junho de 1978, 21.
- “Do-in, a arte de massagear a si mesmo”, *Jornal do Brasil*, 15 de julho de 1973, Revista de Domingo, 6.
- “Do-In”, *Jornal do Brasil*, 27 de junho de 1976, Caderno B, 3.
- “Encontro com Antonioni”, *Diário de Pernambuco*, 24 de julho de 1972, Caderno B, 3.
- “Faculdade pesquisa sobre acupuntura”, *Diário de Pernambuco*, 15 de novembro de 1978, 13.
- “Garve vence fácil na comparação de Cidade Jardim”, *Jornal do Brasil*, 2 de maio de 1979, 7.
- “Homem, um ser energético”, *Jornal do Brasil*, 17 de julho de 1975, Caderno B, 8.
- “Lady Francisco desloca a coluna”, *Diário de Pernambuco*, 20 de janeiro de 1979, C, 4.
- “Livros”, *Jornal do Brasil*, 11 de julho de 1973, Caderno B, 7.
- “Macrobiótica”, *Diário de Pernambuco*, 15 de julho de 1973, Segundo Caderno, 22.
- “Medicina”, *Diário de Natal*, 9 de abril de 1979, 3.
- “Misticismo e ciência unidos”, *Jornal do Brasil*, 19 de agosto de 1979, 4.
- “Na Cinemateca”, *Jornal do Brasil*, 2 de janeiro de 1973, Caderno B, 1.
- “Nelinho já tentou até acupuntura mas só voltará ao Cruzeiro em 1979”, *Diário de Pernambuco*, 21 de outubro de 1978, B, 3.
- “Nixon terá uma festa comunista”, *Jornal do Brasil*, 8 de fevereiro de 1972, 12.
- “O jogo do dia-a-dia”, *Jornal do Brasil*, 30 junho de 1972, Caderno B, 9.
- “Os mais vendidos nos estados”, *Jornal do Brasil*, 6 de outubro de 1973, 3.
- “Pace tem um favorito mas se considera em condições de vencer”, *Jornal do Brasil*, 24 de janeiro de 1975, 22.
- “Pat visita comuna, alimenta porcos e assiste acupuntura”, *Jornal do Brasil*, 24 de fevereiro de 1972, 12.
- “Peanuts”, *Jornal do Brasil*, 14 de janeiro de 1975, Caderno B 9.
- “Princípios básicos da medicina oriental difundidos em curso”, *Diário de Pernambuco*, 27 de outubro de 1978, 6.
- “Retorno”, *Diário de Pernambuco*, 9 de junho de 1976, Segundo Caderno, 11.
- “Tsri, a fórmula que cuida do corpo e do espírito”, *Diário de Pernambuco*, 3 de março de 1975, 2.
- “Zai Maozhuxi wuchan jieji geming luxian zhiyin xia wo guo yisu gongzuozhe he kexuegongzuozhe chuangzao chengong zhenci mazui 在毛主席无产阶级革命路线指引下，我国医务工作者和科学工作者创造成功针刺麻醉 (Guiados pela revolução proletária de Mao Zedong, os médicos e
-

cientistas do nosso país inventaram a acupuntura anestésica”, *Xinhuashe* (Xinhua News), 18 de julho de 1971, 1.

Bibliografia

- Alencar, Miriam. “Fafá de Belém: 90 mil discos vendidos em um mês”, *Jornal do Brasil*, 21 de setembro de 1979, Caderno B, 4.
- Anderson, Sandra K. *The Practice of Shiatsu*. St. Louis: Mosby Elsevier, 2008.
- Andrews, Bridie. *The Making of Modern Chinese Medicine, 1850-1960*. Vancouver: UBC Press, 2014.
- Ayala, Walmir. “Artes-Automassagem”, *Jornal do Brasil*, 8 de julho de 1973, 7.
- Barbosa, Zenaide. “Bases da medicina chinesa em curso intensivo de do-in”, *Diário de Pernambuco*, 21 de outubro de 1978b, C, 2.
- Barbosa, Zenaide. “Conheça novas formas de curar os seus males”, *Diário de Pernambuco*, 1 de julho de 1978a, B, 2.
- Barnier, Lucien. “Os médicos começam a aceitar os efeitos anestésicos da acupuntura”, *Diário de Pernambuco*, 3 de julho de 1977, B, 1.
- Bivins, Roberta. “Histories of Heterodoxy”. Em *The Oxford Handbook of the History of Medicine*, org. Mark Jackson, 579-598. New York: Oxford University Press, 2011. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199546497.013.0032>
- Burke, Peter. *Testemunha Ocular. História e Imagem*. Bauru: Edusc, 2004.
- Cançado, Juracy Campos L. *Do-in, livro dos primeiros socorros: A milenar arte chinesa de acupuntura com os dedos*. Rio de Janeiro: Ground, 1976.
- Candelise, Lucia. “La médecine chinoise au-delà des frontières chinoises. La confrontation de ses pratiques avec la médecine conventionnelle en France et en Italie”. *Perspectives chinoises*, 3, (2011): 44-52.
- Carvalho, Alberto Carlos de. “As guitarras voltaram”, *Jornal do Brasil*, 1 de abril de 1979, Domingo, 4.
- Cavalcante, Carlos. “A cura ao alcance de todos,” *Diário de Pernambuco*, 31 de dezembro de 1978, D, 6.
- Cavalcanti, Valdemar. “Letras”, *O Jornal*, 24 de dezembro de 1972, 10.
- Chau, Adam Y. *Miraculous Response: Doing Popular Religion in Contemporary China*. Stanford: Stanford University Press, 2008. <https://doi.org/10.4000/chinaperspectives.3943>
- Chaves, Paulo Azevedo. “Acupuntura para carecas,” *Diário de Pernambuco*, 25 de fevereiro de 1979, D, 6.
- Chimanovitch, Mario. “A acupuntura ao nosso alcance”, *Jornal do Brasil*, 28 de junho de 1972, 10.
- Cosson, Rildo. *Fronteiras contaminadas, literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: UNB, 2007.
- Costa, Matheus Oliva. “Daoísmo tropical: transplantação do Daoísmo ao Brasil através da Sociedade Taoísta do Brasil e da Sociedade Taoísta SP”. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC-SP, 2015. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1706>
-

- Coutinho, Bernardo D., e Pérola G. S. Dulcetti. “O movimento Yīn e Yáng na cosmologia da medicina chinesa”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 22, n. 3 (2015): 797-811.
<https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000300008>
- Cysneiros, Daisy. “Massagem japonesa: uma questão de método”, *Diário de Pernambuco*, 24 de fevereiro de 1977, B, 1.
- Didier, Pierrine. “Médecine traditionnelle et ‘médecine intégrative’ à Madagascar: entre décisions internationales et applications locales”. Tese de doutoramento, Bordeaux, Université de Bordeaux, 2015.
- Dieckman, Lauro. “Na América Latina, a acupuntura pode ser charlatanizada”, *Jornal do Brasil*, 21 de dezembro de 1974, Caderno B, 10.
- Djukanovic, V., E. P. Mach, e World Health Organization & United Nations Children’s Fund (UNICEF). 1975. “Comment répondre aux besoins sanitaires fondamentaux des populations dans les pays en voie de développement: étude commune FISE/OMS”.
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/40098>.
- Duke, Marc. *Acupuncture*. New York: Pyramid Books, 1972a.
- Duke, Marc. *Acupuntura: A extraordinária e milenar Arte Chinesa de curar doenças*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972b.
- Dunn, Christopher. *Contracultura*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2016.
- Editora Ground. s/d. “Juracy Cançado”. <https://ground.com.br/juracy-cancado>.
- Farias, Lena. “Do-in, o toque da vida e do prazer”, *Diário do Paraná*, 1 de agosto de 1976a, 6.
- Farias, Lena. “Do-in, o toque da vida e do prazer”, *Jornal do Brasil*, 13 de junho de 1976b, Caderno B, 5.
- Giddens, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- Hallwell, Lawrence. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2017.
- Herzlich, Claudine. *Santé et maladie. Analyse d’une représentation sociale*. Paris: Éditions de l’EHESS, 2005.
- Hsu, Elizabeth. *The Transmission of Chinese Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- Josephson, Jason Ananda. *The Invention of Religion in Japan*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.
- Junqueira, Luis Fernando B. “Numinous Herbs: Stars, Spirits and Medicinal Plants in Late Imperial China”. Em: *Routledge Handbook of Chinese Medicine*, orgs. Vivienne Lo e Michael Stanley-Baker, no prelo. London: Routledge, 2021.
- Kuriyama, Shigehisa. *The Expressiveness of the Body and the Divergence of Greek and Chinese Medicine*. New York: Zone Books, 1999.
- Kwang, Wu Tou, e Paulo Cesar Varanda. 2008. “Histórico da Acupuntura no Brasil”.
<http://www.sobrafa.org.br/v1/index.php/86-historico-da-acupuntura-no-brasil/78-historico-da-acupuntura-no-brasil>.
- Langre, Jacques de. *Do-in, guia prático de auto massagem*. Rio de Janeiro: Ground, 1973.
- Langre, Jacques de. *The first book of Do-in: guide pratique I*. Hollywood: Happiness Press, 1971.
-

- Le Breton, David. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2013.
<https://doi.org/10.3917/puf.lebre.2011.01>
- Lei, Sean Hsiang-lin. *Neither Donkey Nor Horse: Medicine in the Struggle Over China's Modernity*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
<https://doi.org/10.7208/chicago/9780226169910.001.0001>
- Lo, Vivienne. “But is it [History of] Medicine? Twenty Years in the History of the Healing Arts of China”. *Social History of Medicine*, 22, n. 2 (2009): 283-303.
<https://doi.org/10.1093/shm/hkp004>
- Lo, Vivienne. *How to Do the Gibbon Walk: A Translation of the Pulling Book* (ca 186 BCE). Cambridge: Needham Research Institute, 2014.
- Loureiro, Ana Luíza. “Ancião cego trata de doentes no Recife usando a acupuntura”. *Diário de Pernambuco*, 18 de janeiro de 1974, 6.
- Magnani, José Guilherme C. *Mystica urbe*. São Paulo: Nobel, 1999.
- Monneyron, Frédéric, e Martine Xiberras. *Le monde hippie. De l'imaginaire psychédélique à la révolution informatique*. Paris: Imago, 2008.
- Moscovici, Serge. *Psychologie des représentations sociales*. Paris: Editions des archives contemporaines, 2019.
- Motta, Gian Carlo. “Oito agulhas de ouro e adeus cigarro”, *Diário de Pernambuco*, 20 de agosto de 1977, B, 8.
- Nascimento, Marilene Cabral do. “Acupuntura, medicina e interculturalidade”. Em *As duas faces da montanha: estudos sobre medicina chinesa e acupuntura*, org. Marilene Cabral do Nascimento 143-177. São Paulo: Hucitec, 2006.
- Neto, Ernani Fornari. “Cartas-Inquietação prioritária”, *Jornal do Brasil*, 9 de junho de 1978, Caderno B, 2.
- Nogueira, Maria Inês, e Kenneth R. Camargo Jr. “A orientalização do Ocidente como superfície de emergência de novos paradigmas em saúde”. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 14, n. 3 (2007): 841-861. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702007000300009>
- Oliveira, Maria Terezinha C. L. “A cura pela automassagem”, *O Cruzeiro*, 19 de setembro de 1973, 13-21.
- Palmer, David A., e Liu Xun, orgs. *Daoism in the Twentieth Century: Between Eternity and Modernity*. Berkeley: University of California Press, 2012.
- Palmer, David A., e Vincent Goossaert. *The Religious Question in Modern China*. Chicago: University of Chicago Press, 2011. <https://doi.org/10.4000/chinaperspectives.5760>
- Pararrayos, Ari. “A cura pelo toque”, *Correio Brasiliense*, 11 de fevereiro de 1978, Caderno 2, 1.
- Pontes, Mario. “Entre o romance problema e o manual de acupuntura”, *Jornal do Brasil*, 23 de agosto de 1975, 6.
- Reimão, Sandra. *Mercado editorial brasileiro*. São Paulo: FAPESP, 1996.
- Resberger, Boyce. “Os segredos da acupuntura”, *Jornal do Brasil*, 16 de outubro de 1972, 11.
- Reston, James. “Now, About My Operation in Peking”, *The New York Times*, 26 de julho de 1971, 1.
-

Rocha, Sabrina P., e Dante M. C. Gallian. “A acupuntura no Brasil: uma concepção de desafios e lutas omitidos ou esquecidos pela história - Entrevista com dr. Evaldo Martins Leite”. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20, n. 56 (2016): 239-247. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0211>

Said, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

Shield, Susana. “Editora Ground: os bons negócios do Do-in, Ioga, Macrobiótica e Meditação transcendental”, *Jornal do Brasil*, 10 de junho de 1978, 6.

Shurtleff, William, e Akiho Aoyagi. *History of the natural and organic foods movement (1942-2020): extensively annotated bibliography and sourcebook*. Lafayette: Soyinfo Center, 2020.

Sigolo, Renata Palandri. “Homeopatia, medicina alternativa: entre contracultura, Nova Era e oficialização (Brasil, década de 1970)”. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 26 n. 4 (2019): 1317-1335. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702019000400017>

Sigolo, Renata Palandri. “O alimento como remédio natural: saúde e estilo de vida alternativo no Brasil na década de 1970”. *Revista Hydra: Revista Discente De História Da UNIFESP*, 4, n. 8 (2020): 6-33.

Sobral, João Alberto Martins. “Top set”, *Diário de Pernambuco*, 12 de agosto de 1973, 16.

Spencer, Fernando. “A verdade no documentário de Antonioni”, *Diário de Pernambuco*, 13 de novembro de 1979, C, 8.

Taylor, Kim. *Chinese Medicine in Early Communist China (1945-1963): A Medicine of Revolution*. London: Routledge, 2005. <https://doi.org/10.4324/9780203311271>

Unschuld, Paul U. *Medical Ethics in Imperial China: A Study in Historical Anthropology*. Berkeley: University of California Press, 1979. <https://doi.org/10.1525/9780520353145>

Unschuld, Paul U. *Medicine in China: A History of Ideas*. Berkeley: University of California Press, 1984.

Witte, Wilfried. “Nixon and Scheel in China: Acupuncture and Anesthesia in West and East Germany in the 1970s and 1980s”. *Journal of Anesthesia History*, 6, n. 1 (2020): 8-12. <https://doi.org/10.1016/j.janh.2018.01.003>

Recebido: 02 de novembro de 2020

Aprovado: 24 de dezembro de 2020